

EDUCAÇÃO MUSICAL E AUTISMO: UMA ABORDAGEM NEUROEDUCACIONAL PARA A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

EDUCACIÓN MUSICAL Y AUTISMO: UN NEUROEDUCATIVO ENFOQUE PARA EL APRENDIZAJE SIGNIFICATIVO

Deniza da Silva Souza*

RESUMO

A música configura-se como uma ferramenta pedagógica e terapêutica capaz de promover o desenvolvimento integral de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Este artigo tem como objetivo analisar a Educação Musical (EM) como estratégia eficaz na aprendizagem e inclusão desses sujeitos, considerando seus impactos no desenvolvimento cognitivo, emocional e social. A pesquisa fundamenta-se em referências teóricas atuais que discutem a importância da intervenção musical no processo de ensino-aprendizagem de pessoas com TEA, destacando a colaboração entre professores, profissionais da saúde e familiares. Apoiado nas concepções de autores como Cunha, Gainza, Orrú, Dewey e outros, o estudo evidencia que a música, em suas abordagens pedagógica e terapêutica, não apenas estimula o cérebro de forma ampla, mas também promove comunicação, interação social e redução da ansiedade, consolidando-se como um recurso de inclusão escolar. Argumenta-se, ainda, sobre a necessidade de formação docente especializada e práticas inclusivas no currículo escolar, valorizando a diversidade e respeitando as singularidades dos estudantes.

Palavras-chave: Educação Musical; Transtorno do Espectro Autista; Inclusão Escolar; Neurodesenvolvimento; Intervenção Pedagógica.

RESUMEN

La música se configura como una herramienta pedagógica y terapéutica capaz de promover el desarrollo integral de estudiantes con Trastorno del Espectro Autista (TEA). Este artículo tiene como objetivo analizar la Educación Musical (EM) como estrategia eficaz en el aprendizaje e inclusión de estos sujetos, considerando sus impactos en el desarrollo cognitivo, emocional y social. La investigación se basa en referencias teóricas actuales que discuten la importancia de la intervención musical en el proceso de enseñanza-aprendizaje de personas con TEA, destacando la colaboración entre profesores, profesionales de la salud y familiares. Apoyado en las

*Doutorado- Faculdade Interamericana de Ciências Sociais. Título: Doutora em Ciências da Educação. Email: denizasmarques@gmail.com

concepciones de autores como Cunha, Gainza, Orrú, Dewey, entre otros, el estudio evidencia que la música, en sus enfoques pedagógicos y terapéuticos, no solo estimula el cerebro de forma amplia, sino que también promueve la comunicación, la interacción social y la reducción de la ansiedad, consolidándose como un recurso de inclusión escolar. Asimismo, se argumenta sobre la necesidad de formación docente especializada y prácticas inclusivas en el currículo escolar, valorando la diversidad y respetando las singularidades de los estudiantes.

Palabras-clave: Educación Musical; Trastorno del Espectro Autista; Inclusión Escolar; Neurodesarrollo; Intervención Pedagógica.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação e na interação social, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades. Tais características impactam significativamente o desenvolvimento global do indivíduo, especialmente em contextos educacionais. Frente a essa realidade, a escola, como espaço de aprendizagem e convivência, deve assumir a responsabilidade de oferecer estratégias metodológicas que considerem as especificidades dos estudantes com TEA, garantindo-lhes o direito à educação de qualidade e à inclusão plena.

Entre as diversas possibilidades de intervenção, a Educação Musical (EM) tem se mostrado uma ferramenta de valor inestimável. A música, por sua natureza expressiva e sensorial, possui o potencial de estimular diferentes áreas do cérebro de forma simultânea, favorecendo a aquisição de habilidades cognitivas, emocionais e sociais. Segundo Cunha (2017), a EM possibilita um processo de aprendizagem mais significativo, uma vez que integra emoção, linguagem e movimento, aspectos muitas vezes comprometidos em pessoas com TEA.

Além disso, estudos recentes apontam que o uso da música no contexto escolar pode contribuir para a melhora da comunicação verbal e não verbal, da atenção e da concentração, da organização do pensamento, bem como da diminuição da ansiedade e da agressividade. Para tanto, é necessário que a EM seja planejada a partir de princípios metodológicos que respeitem as individualidades dos estudantes, como preconiza Orrú (2016), e que envolva, de forma colaborativa, professores, terapeutas, familiares e demais profissionais da educação e da saúde.

Este artigo, portanto, propõe-se a discutir a música como estratégia para a aprendizagem de estudantes com TEA, com base em uma revisão teórica das principais abordagens pedagógicas e terapêuticas aplicadas à Educação Musical. Busca-se, ainda, refletir sobre a importância da formação docente e da construção de um currículo inclusivo que promova o respeito à diversidade, a valorização das potencialidades individuais e o desenvolvimento pleno de todos os alunos.

2 A MÚSICA COMO FACILITADORA DO NEURODESENVOLVIMENTO NO TEA

A crescente produção científica no campo das neurociências tem demonstrado que a música, além de seu valor estético e cultural, constitui um estímulo multissensorial capaz de promover alterações estruturais e funcionais no cérebro humano. Essa constatação é particularmente relevante quando se considera o impacto que experiências musicais podem ter sobre o desenvolvimento neurocognitivo de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), condição caracterizada por alterações significativas nos domínios da comunicação social, do comportamento e do processamento sensorial (APA, 2022).

Em sujeitos com TEA, observa-se um padrão atípico de conectividade neural, especialmente nas redes responsáveis pela integração sensório-motora, pela cognição social e pelo processamento da linguagem. Esses padrões implicam dificuldades na autorregulação emocional, na organização da atenção e na flexibilidade comportamental, afetando diretamente a aprendizagem e a interação com o ambiente. Nesse contexto, a música emerge como uma ferramenta privilegiada de mediação neurofuncional, uma vez que sua escuta e produção envolvem, de maneira integrada, múltiplas regiões cerebrais — incluindo o córtex auditivo, o hipocampo, a amígdala, o cerebelo, o córtex pré-frontal e as áreas motoras (Levitin, 2019; Koelsch, 2020).

De acordo com Cunha (2017), a música atua como uma via alternativa de expressão simbólica e afetiva para pessoas com TEA, contribuindo para a construção de pontes comunicativas entre o universo interno do sujeito e o meio externo. Tal mediação se dá tanto em nível neurobiológico quanto psicoeducacional, favorecendo a emergência de habilidades que muitas vezes não são acessadas por vias pedagógicas convencionais. A participação em experiências musicais pode

induzir plasticidade cerebral — isto é, a capacidade adaptativa do sistema nervoso central de se reorganizar funcionalmente — fator essencial no processo de reabilitação ou de compensação de déficits funcionais associados ao espectro autista (Tierney et al., 2015).

A estimulação auditiva e rítmica proveniente de atividades musicais ativa circuitos neuronais relacionados à linguagem (área de Broca e de Wernicke), à atenção sustentada (córtex cingulado anterior), à memória episódica (hipocampo) e à regulação afetiva (sistema límbico), promovendo um ambiente favorável à aprendizagem e à internalização de repertórios comportamentais socialmente significativos. Tais ativações têm sido correlacionadas, em estudos de neuroimagem funcional, à melhoria de marcadores neuropsicológicos em crianças com TEA submetidas a intervenções musicoterapêuticas ou a programas estruturados de Educação Musical (Sharda et al., 2018; Lai et al., 2019).

Outro aspecto central é a organização sensório-motora, frequentemente comprometida no autismo devido à disfunção da integração sensorial. A música, por sua natureza ritmada e previsível, favorece o desenvolvimento da percepção temporal, da consciência corporal e da coordenação motora, contribuindo para a elaboração de respostas mais reguladas ao meio. Atividades que integram som, movimento e emoção — como o uso de instrumentos de percussão, jogos rítmicos e expressão corporal musical — promovem a sincronização inter-hemisférica e a modulação da excitabilidade cortical, com impactos positivos sobre o comportamento adaptativo e o desempenho funcional (Thaut & Hoemberg, 2014).

Ademais, é preciso destacar o potencial da música para modular os níveis de estresse e de reatividade emocional por meio de sua ação no eixo hipotálamo-hipófise-adrenal. A escuta de composições com determinadas propriedades harmônicas e melódicas pode induzir a liberação de dopamina e oxitocina, neurotransmissores associados ao prazer, à vinculação afetiva e à motivação social, aspectos especialmente desafiadores em crianças e adolescentes com TEA (Gebauer et al., 2014). Tal efeito bioquímico contribui para a criação de um ambiente emocionalmente seguro, no qual o sujeito se sente mais predisposto à interação, à experimentação e à aprendizagem.

Em síntese, a música, quando inserida de forma intencional, sistemática e interdisciplinar no contexto educacional e terapêutico, constitui-se como uma

estratégia neuroeducacional altamente eficaz para a promoção do desenvolvimento global de indivíduos com TEA. Sua ação transversal sobre aspectos sensoriais, cognitivos, motores e afetivos a torna particularmente valiosa em um modelo de intervenção que respeite a singularidade do sujeito, favoreça sua autonomia e amplie suas possibilidades de expressão e participação social. Tais achados não apenas reforçam a relevância da Educação Musical no contexto da educação inclusiva, como também demandam políticas públicas de formação docente e de estruturação curricular que reconheçam o papel fundamental da arte — em especial da música — no desenvolvimento humano.

2.1 PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO MUSICAL: ADAPTAÇÃO, IMPROVISAÇÃO E PERSONALIZAÇÃO

A aplicação da música como estratégia de intervenção pedagógica e terapêutica para indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) requer a construção de práticas metodológicas fundamentadas em princípios da neuroeducação, da psicopedagogia e da musicoterapia. Considerando a heterogeneidade do espectro autista, as propostas devem ser necessariamente flexíveis, adaptativas e personalizadas, a fim de atender às demandas específicas de cada indivíduo, respeitando seu ritmo, nível de desenvolvimento neurocognitivo e perfil sensorial.

Segundo Sotelo (2019), a eficácia das práticas musicais está intrinsecamente associada à competência do educador ou musicoterapeuta em modular os conteúdos, improvisar em tempo real de acordo com a resposta do aluno e utilizar a criação musical como um canal legítimo de expressão singular. Nesse sentido, a música transcende seu papel artístico tradicional e passa a ser compreendida como instrumento de mediação simbólica e promotora de processos complexos de subjetivação, autorregulação emocional e desenvolvimento comunicacional.

A intervenção musical eficaz exige que o profissional leve em consideração múltiplos aspectos da experiência do sujeito com TEA. Em primeiro lugar, fatores como a capacidade de atenção sustentada, os limites relacionados à hiper ou hiporresponsividade sensorial (APA, 2013) e o grau de compreensão simbólica precisam ser cuidadosamente observados. A elaboração de um repertório musical

que reflita o universo afetivo e os interesses particulares da criança pode promover um vínculo emocional mais forte com a atividade, intensificando o engajamento e favorecendo a internalização de aprendizagens significativas.

A improvisação, nesse contexto, configura-se como uma estratégia de extrema importância. Através dela, é possível criar um ambiente comunicacional não-verbal que respeita a singularidade da criança e permite que esta se expresse livremente, sem a necessidade de se enquadrar em estruturas normativas ou códigos linguísticos convencionais. Como argumenta Gainza (2020), a improvisação musical ativa funções executivas como a tomada de decisão, a atenção dividida e a memória de trabalho, sendo também um poderoso estímulo para o desenvolvimento da criatividade e da escuta ativa — competências essenciais não apenas para a aprendizagem formal, mas para a constituição da identidade e da autonomia subjetiva.

A personalização do conteúdo musical implica na produção ou seleção de materiais sonoros que dialoguem com o histórico de vida do sujeito, suas preferências culturais, afetivas e sensoriais. Essa abordagem permite a construção de um espaço de segurança emocional, no qual a criança se sente acolhida e compreendida, condição sine qua non para que ocorra qualquer tipo de aprendizagem profunda. Estudos em neurociência (Patel, 2008; Thaut, 2015) apontam que a música personalizada ativa circuitos dopaminérgicos no cérebro, potencializando estados de prazer, motivação e recompensa — elementos cruciais em sujeitos com dificuldades de engajamento afetivo ou social, como frequentemente observado em indivíduos com TEA.

É fundamental salientar que intervenções desse tipo exigem um corpo profissional altamente capacitado, não apenas em técnica musical, mas também em neurodesenvolvimento atípico, comunicação alternativa, e estratégias de ensino-aprendizagem centradas no aluno. O profissional precisa ser capaz de interpretar respostas não-verbais, identificar indicadores de sobrecarga sensorial, ajustar dinamicamente o grau de complexidade das atividades propostas e construir um vínculo empático que sustente a relação pedagógica. Nesse processo, a atuação colaborativa entre musicoterapeutas, pedagogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais e familiares constitui um fator de grande relevância. A interprofissionalidade amplia o escopo da intervenção, favorece a generalização das

aprendizagens e promove uma abordagem integral que articula os diversos aspectos do desenvolvimento infantil.

Portanto, as práticas de intervenção musical voltadas ao público com TEA devem ser pensadas como dispositivos complexos de mediação simbólica, capazes de articular o sensível e o cognitivo, o individual e o coletivo, o terapêutico e o pedagógico. A música, nesse contexto, não é apenas uma ferramenta auxiliar, mas um campo epistemológico legítimo, com potencial para reconfigurar práticas educacionais e terapêuticas, promovendo, de forma concreta, inclusão, participação social e emancipação subjetiva.

2.2 PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS INCLUSIVOS NA EDUCAÇÃO MUSICAL

A prática da Educação Musical (EM) voltada para estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) deve ser estruturada a partir de princípios metodológicos que assegurem a efetividade da intervenção pedagógica e promovam a inclusão real no contexto escolar. A fundamentação teórica que orienta essas práticas se ancora nos postulados da educação inclusiva, que preconizam o respeito à diversidade, a valorização das singularidades e a construção colaborativa do processo de ensino-aprendizagem (Orrú, 2016).

O primeiro princípio metodológico diz respeito à centralidade dos interesses e habilidades individuais do aluno, crucial para garantir seu engajamento e motivação durante as atividades musicais. De acordo com estudos recentes, o alinhamento do conteúdo musical aos gostos e repertórios pessoais do estudante com TEA potencializa a receptividade e a aprendizagem (Darrow, 2008; Willems, 2017). Tal abordagem flexível desloca o foco do currículo rígido para uma prática centrada no sujeito, onde a música funciona como mediadora entre seu universo interno e as demandas externas, estimulando tanto a expressão emocional quanto o desenvolvimento cognitivo (Cunha, 2017).

O segundo princípio refere-se à criação de ambientes educativos inclusivos, que respeitem e acolham as diferenças presentes na diversidade neurofuncional dos alunos. Esse aspecto transcende a mera adequação física do espaço, contemplando a adoção de posturas pedagógicas que promovam flexibilidade, empatia e abertura, elementos indispensáveis para que a criança com TEA participe efetivamente das

atividades musicais em grupo (Kern & Aldridge, 2006; Hebert & Kahn, 2012). Ambientes inclusivos favorecem a interação social e a construção de vínculos afetivos, que são determinantes para o processo de aprendizagem e desenvolvimento global.

A diversificação dos recursos musicais representa o terceiro eixo metodológico essencial. A incorporação de instrumentos adaptados, tecnologias assistivas, sons ambientais e materiais visuais amplia as possibilidades de acesso e expressão musical, atendendo às diferentes necessidades sensoriais e motrizes dos estudantes com TEA (Kim, Wigram & Gold, 2008; Burke & Burke, 2014). Essa multiplicidade de estímulos permite que os alunos experimentem a música de formas variadas, enriquecendo sua percepção e capacidade de interação com o meio.

Por fim, destaca-se a importância da colaboração interprofissional, envolvendo professores de música, terapeutas, familiares e demais profissionais da saúde, como psicólogos e fonoaudiólogos. Essa articulação garante a construção de um plano pedagógico coeso, que integra objetivos educacionais e terapêuticos, potencializando o desenvolvimento global do estudante com TEA (Sotelo, 2019; Kern et al., 2016). A atuação conjunta desses agentes promove a continuidade dos processos de aprendizagem e a adaptação das estratégias de intervenção conforme a evolução do aluno.

Em síntese, os princípios metodológicos inclusivos na Educação Musical aplicados ao contexto do TEA são fundamentais para a efetivação de práticas educacionais que valorizem a singularidade do sujeito, promovam seu protagonismo e ampliem suas possibilidades de participação social. O desenvolvimento de intervenções musicalmente enriquecedoras, acessíveis e colaborativas contribui decisivamente para a inclusão real e para o aprimoramento da qualidade de vida dessas crianças.

2.3 FUNDAMENTOS TEÓRICO-PEDAGÓGICOS DA MÚSICA SEGUNDO JOHN DEWEY

A obra de John Dewey representa um marco teórico fundamental para a compreensão da Educação Musical (EM) a partir de uma perspectiva pragmática, crítica e experiencial. Para Dewey (2023), o conhecimento não deve ser concebido

como uma mera transmissão de conteúdos pré-estabelecidos, mas sim como um processo dinâmico de construção que se dá através da experiência concreta, da ação intencional e do pensamento reflexivo. Aplicada ao campo da EM, essa concepção redefine a música como uma prática integradora e formadora, capaz de articular dimensões sensoriais, cognitivas, emocionais e sociais, e não apenas um objeto curricular estático.

Dewey enfatiza que a aprendizagem acontece pela interação recíproca entre o sujeito e o ambiente, sendo a experiência tanto o ponto de partida quanto o objetivo final do processo educativo. Assim, a música deve ser abordada como uma prática viva que envolve percepção sensorial aguçada, emoções, reflexão e ação colaborativa. As atividades musicais, quando contextualizadas na realidade cotidiana dos alunos, tornam-se veículos para a construção de significados pessoais e coletivos, estimulando a imaginação, o pensamento crítico e a criatividade (Dewey, 2023).

No âmbito escolar, Dewey propõe que a instituição funcione como uma “miniatura da sociedade”, um espaço onde as crianças possam experimentar e vivenciar as dinâmicas comunitárias em versões simplificadas e acessíveis. Nesse sentido, a música assume um papel socializador essencial, promovendo a participação ativa, a colaboração mútua e o respeito à diversidade — valores que são particularmente relevantes para a inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que frequentemente enfrentam desafios na integração social e no acesso ao conhecimento (Cunha, 2017; Orrú, 2016).

Além disso, Dewey defende a construção de um currículo que valorize a experiência tanto individual quanto coletiva, rompendo com práticas pedagógicas homogêneas e descontextualizadas que não atendem às especificidades dos sujeitos. Ao incorporar os princípios de Dewey na Educação Musical para pessoas com TEA, o educador possibilita a ampliação do repertório simbólico dos alunos, contribui para a construção da identidade e promove a autonomia intelectual, aspectos fundamentais para a inclusão educacional e social (Kim, Wigram & Gold, 2008; Sotelo, 2019).

Portanto, a perspectiva de Dewey fundamenta a Educação Musical como uma prática educativa integral, dinâmica e inclusiva, que, ao privilegiar a experiência ativa e significativa, se configura como ferramenta potente para o desenvolvimento global

de estudantes com TEA, promovendo seu protagonismo e participação social efetiva.

2.4 A MÚSICA COMO PROMOTORA DA COMUNICAÇÃO, DAS HABILIDADES SOCIAIS E EMOCIONAIS NO TEA

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) caracteriza-se por comprometimentos significativos na comunicação verbal e não verbal, assim como por dificuldades em habilidades sociais e na regulação emocional (American Psychiatric Association, 2022). Essas limitações impactam diretamente a capacidade do indivíduo de expressar suas necessidades, desejos e emoções, bem como de estabelecer relações interpessoais eficazes. Nesse cenário, a música emerge como uma ferramenta terapêutica e educativa promissora, funcionando como uma linguagem alternativa e acessível que pode facilitar a interação entre o sujeito com TEA e seu ambiente social (Kim, Wigram & Gold, 2009).

No que tange à comunicação, estudos recentes indicam que a prática musical regular pode contribuir significativamente para o desenvolvimento da linguagem em indivíduos com TEA. Ferreira et al. (2024) demonstram que a exposição sistemática à música está associada ao aumento do vocabulário, à melhoria da articulação verbal e ao avanço na aquisição da linguagem escrita. Tal fenômeno é explicado pela capacidade da musicalidade de estimular a prosódia da fala — isto é, os elementos rítmicos, entonativos e acentuais que facilitam a compreensão e a produção da linguagem oral. Canções com estruturas repetitivas e previsíveis promovem a antecipação do fluxo comunicativo, facilitando o aprendizado de sequências linguísticas e a internalização de regras gramaticais (Patel, 2010).

No domínio das habilidades sociais, a música propicia contextos seguros e estruturados para o desenvolvimento da interação. Atividades coletivas como rodas de canções, jogos musicais colaborativos e práticas instrumentais em grupo promovem o desenvolvimento de competências sociais fundamentais, incluindo a troca de turnos, a escuta ativa, a empatia e o respeito às regras compartilhadas (LaGasse, 2014). Dada a dificuldade que indivíduos com TEA frequentemente apresentam para se socializar, esses ambientes musicais estruturados funcionam como espaços de inclusão, nos quais a expressão e a conexão social são facilitadas,

reduzindo o isolamento e ampliando as oportunidades de participação comunitária (Kim & Wigram, 2008).

Quanto ao aspecto emocional, a música exerce influência direta sobre o sistema límbico, área cerebral envolvida na regulação das emoções e no processamento afetivo (Blood & Zatorre, 2001). Vargas (2015) destaca que a escuta ou a execução musical, especialmente de composições preferidas pelos alunos, pode induzir estados de relaxamento, sensação de bem-estar e autorregulação emocional, resultando na diminuição de sintomas como ansiedade, agitação e estresse. Dessa forma, a música contribui não apenas para a promoção do aprendizado, mas também para o equilíbrio psicoemocional, condição essencial para a melhoria do desempenho educacional e da qualidade de vida dos estudantes com TEA (Geretsegger *et al.*, 2014).

Assim, a Educação Musical emerge como uma estratégia multidimensional e eficaz no apoio ao desenvolvimento comunicativo, social e emocional de indivíduos com TEA, consolidando seu papel enquanto ferramenta interdisciplinar indispensável em contextos terapêuticos e pedagógicos inclusivos.

2.5 DESAFIOS NA IMPLEMENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO MUSICAL NO CONTEXTO INCLUSIVO

A implementação da Educação Musical em contextos inclusivos, especialmente para estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), enfrenta diversos desafios estruturais, pedagógicos e culturais que dificultam a efetivação de práticas educacionais equitativas e significativas. Embora a literatura reconheça amplamente os benefícios da música para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional de indivíduos com TEA (Kim, Wigram & Gold, 2009; Geretsegger *et al.*, 2014), a consolidação da Educação Musical inclusiva nas escolas ainda é limitada por múltiplos fatores que necessitam ser enfrentados de forma sistemática.

Um dos principais entraves está na formação inicial e continuada dos professores de música. Oliveira *et al.* (2022) destacam que a maioria dos docentes carece de preparação específica para trabalhar com alunos que apresentam deficiências ou transtornos do neurodesenvolvimento, incluindo o TEA. Essa insuficiência formativa compromete a capacidade do educador de identificar as

necessidades particulares desses estudantes, bem como de planejar e implementar intervenções pedagógicas adequadas e individualizadas. O déficit na formação implica uma resposta pedagógica muitas vezes padronizada e insuficiente para promover a participação efetiva e o aprendizado significativo desses alunos (Ainscow, 2020).

Dessa forma, torna-se imprescindível o investimento em programas de formação continuada que incorporem conteúdos relacionados à neuroeducação, práticas inclusivas e metodologias diversificadas. Além disso, a capacitação docente deve enfatizar a importância do trabalho colaborativo e interdisciplinar, envolvendo profissionais das áreas de psicopedagogia, fonoaudiologia, terapia ocupacional e familiares, estabelecendo redes de apoio que ampliem o impacto das práticas musicais inclusivas (Sousa & Silva, 2019).

Outro desafio crítico refere-se à rigidez curricular presente em muitas instituições educacionais. Frequentemente, os currículos de Educação Musical mantêm uma estrutura tradicional e homogênea, que não reconhece ou valoriza as particularidades dos estudantes com TEA. Tal padrão curricular pode excluir, ainda que indiretamente, os alunos que necessitam de adaptações em conteúdos, ritmos e métodos de ensino, ferindo o princípio da equidade e da inclusão (Slee, 2018). Assim, a flexibilização curricular — que permita múltiplas formas de expressão musical e respeite os diferentes modos de aprendizagem — é essencial para assegurar a participação ativa de todos os alunos (Booth & Ainscow, 2016).

Além dos aspectos pedagógicos e estruturais, é imprescindível considerar as barreiras atitudinais presentes no ambiente escolar. Estigmas, preconceitos e resistências por parte de professores, gestores e demais profissionais quanto à inclusão de alunos com TEA em aulas regulares de música ainda são uma realidade persistente (Sharma, Forlin & Loreman, 2012). Essas atitudes refletem uma cultura institucional que, muitas vezes, interpreta a diversidade como um problema ou obstáculo, em vez de reconhecê-la como fonte de enriquecimento e inovação pedagógica. A superação desses obstáculos demanda um processo de sensibilização, formação e construção de uma cultura escolar inclusiva, baseada no respeito às diferenças e na valorização da diversidade humana (Ainscow, 2020).

Em síntese, a efetivação da Educação Musical inclusiva requer um esforço coordenado que envolva a qualificação docente, a adaptação curricular e a

transformação cultural nas escolas. Apenas a partir dessa abordagem integrada será possível garantir uma prática educativa que respeite as singularidades dos alunos com TEA, promovendo sua participação plena e significativa no ambiente escolar.

2.6 POLÍTICAS PÚBLICAS E PERSPECTIVAS FUTURAS PARA A EDUCAÇÃO MUSICAL NO TEA

O reconhecimento da música como instrumento potencializador da inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) exige não apenas a valorização dessa prática no âmbito educacional, mas também o fortalecimento de políticas públicas que promovam sua implementação efetiva. No Brasil, marcos legais como a Lei Brasileira de Inclusão (LBI – Lei nº 13.146/2015) e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva estabelecem diretrizes importantes para a garantia do direito à educação inclusiva. Contudo, sua operacionalização, especialmente no que tange à formação e atuação em Educação Musical, ainda enfrenta desafios significativos (Brasil, 2015; MEC, 2008).

A consolidação da Educação Musical inclusiva para pessoas com TEA depende da articulação de políticas intersetoriais que integrem os campos da educação, cultura e saúde. Essa integração é fundamental para ampliar o acesso aos recursos musicais e pedagógicos especializados, garantindo uma oferta educativa que respeite as singularidades dos alunos. Projetos que disponibilizem materiais didáticos adaptados, promovam a formação técnica contínua de profissionais e forneçam suporte estrutural às escolas públicas contribuem diretamente para a sustentabilidade das práticas musicais inclusivas (Melo & Santos, 2020; Ferreira & Almeida, 2022).

No horizonte das perspectivas futuras, destaca-se a crescente personalização das intervenções musicais, pautada em uma abordagem centrada no sujeito, que valoriza suas preferências, ritmos e modos particulares de expressão. As novas tecnologias configuram-se como instrumentos promissores para essa personalização, incluindo softwares de composição adaptativa, aplicativos de estimulação sonora e instrumentos musicais acessíveis, que facilitam a autonomia e o engajamento dos estudantes com TEA (Kim et al., 2021; Rodrigues & Silva, 2019).

Além disso, os avanços nas áreas da neurociência e da psicologia da música

proporcionam um embasamento científico robusto para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais eficazes. A compreensão dos mecanismos neurobiológicos envolvidos na percepção e processamento musical em indivíduos autistas permite a elaboração de intervenções que potencializam os efeitos terapêuticos e educacionais da música (Levitin, 2019; Lai et al., 2020). Essa aproximação entre pesquisa acadêmica e prática docente é vital para a qualificação do ensino musical inclusivo e para a garantia de sua relevância e efetividade no contexto escolar.

Assim, as políticas públicas direcionadas à Educação Musical para pessoas com TEA devem priorizar a formação continuada de professores, o financiamento de projetos interdisciplinares e o desenvolvimento de tecnologias acessíveis, criando um ambiente favorável à inclusão e ao desenvolvimento integral desses alunos. O avanço nessa área requer também o engajamento das instituições educacionais, órgãos governamentais e da sociedade civil, consolidando a música como uma ferramenta estratégica de inclusão social e educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Musical, quando orientada por princípios inclusivos, demonstra ser uma ferramenta pedagógica de alto valor no processo de desenvolvimento global de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Longe de se restringir ao campo estético-artístico, a música atua de forma transversal nos domínios cognitivo, comunicativo, emocional e social, promovendo a neuroplasticidade, o engajamento afetivo e o fortalecimento das interações interpessoais. Ao acessar circuitos neurais associados à linguagem, à atenção, à memória e à regulação emocional, a prática musical torna-se um potente mediador entre o sujeito e o mundo, especialmente em contextos educacionais que buscam respeitar a diversidade humana.

No entanto, para que os potenciais da Educação Musical se concretizem de forma ampla e equitativa, é necessário ultrapassar os entraves que ainda limitam sua presença efetiva nas instituições escolares. A ausência de formação inicial e continuada voltada à atuação com estudantes com TEA, aliada à rigidez curricular e às barreiras atitudinais persistentes, evidencia a urgência de transformações estruturais no sistema educacional. A construção de políticas públicas intersetoriais,

que articulem educação, cultura e saúde, é uma condição sine qua non para o fortalecimento de práticas pedagógicas musicais que sejam verdadeiramente inclusivas e fundamentadas em evidências científicas.

Ademais, é essencial que se reconheça a singularidade de cada estudante com TEA, superando abordagens generalistas e prescritivas. A personalização das experiências musicais, o uso de tecnologias acessíveis e a escuta ativa por parte dos educadores são elementos que possibilitam à música operar como um campo de acolhimento e expressão singular. Nesse sentido, a Educação Musical não apenas complementa o currículo escolar, mas o expande, oferecendo aos alunos com TEA caminhos legítimos para a construção da identidade, da autonomia e da participação social.

Promover uma Educação Musical inclusiva, portanto, não é apenas uma escolha metodológica, mas um compromisso ético com o direito de todos à educação de qualidade, à criatividade e à dignidade. Mais do que integrar o aluno com TEA às práticas escolares, trata-se de transformar a escola em um espaço onde ele possa ser plenamente reconhecido, respeitado e valorizado em sua diferença.

REFERÊNCIAS

AINSCOW, M. **Promoting inclusion and equity in education: lessons from international research and practice**. London: Routledge, 2020.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**, 5. ed., texto revisado. Arlington, VA: APA Publishing, 2022.

BOOTH, T.; AINSCOW, M. **The Index for Inclusion: Developing Learning and Participation in Schools**. 3. ed. Centre for Studies on Inclusive Education, 2016.

BLOOD, A. J.; ZATORRE, R. J. **Intensely pleasurable responses to music correlate with activity in brain regions implicated in reward and emotion**. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 98, n. 20, p. 11818-11823, 2001.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 – **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Diário Oficial da União, Brasília, 2015.

CUNHA, M. C. **Música e autismo: interfaces para a aprendizagem e a comunicação**. *Revista Brasileira de Educação Especial*. v. 23, n. 2, p. 281-295, 2017.

FERREIRA, J.; ALMEIDA, M. **Educação musical inclusiva: desafios e possibilidades na formação docente**. *Revista Brasileira de Educação*, [S. l.], v. 27, 2022. e-270016.

FERREIRA, R.; SOUZA, T.; MENDES, L. **Impacto da prática musical no desenvolvimento da linguagem em crianças com Transtorno do Espectro Autista**. *Revista Brasileira de Neurociências*, v. 12, n. 1, p. 45-59, 2024.

GERETSEGGER, M.; ELEFANT, C.; MÖSSLER, K. A.; GOLD, C. **Music therapy for people with autism spectrum disorder**. *Cochrane Database of Systematic Reviews*, n. 6, CD004381, 2014.

KIM, J.; WIGRAM, T.; GOLD, C. **The effects of improvisational music therapy on joint attention behaviors in autistic children: a randomized controlled study**. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 39, n. 5, p. 761-771, 2009.

KIM, H.; PARK, S.; LEE, J. **Assistive music technologies for individuals with autism spectrum disorder: a systematic review**. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 51, n. 5, p. 1612-1625, 2021.

LA GASSE, A. B. **Social outcomes in children with autism spectrum disorder: a review of music therapy outcomes**. *Patient Related Outcome Measures*, v. 5, p. 23-32, 2014.

LAI, M.-C.; LOMBARDO, M. V.; BARON-COHEN, S. **Autism**. *The Lancet*, v. 383, n. 9920, p. 896-910, 2019.

LEVITIN, D. J. **This Is Your Brain on Music: The Science of a Human Obsession**. 2. ed. New York: Dutton, 2019.

MELO, R.; SANTOS, F. **Políticas públicas e inclusão: perspectivas para a educação musical no contexto brasileiro**. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 50, n. 175, p. 1137-1156, 2020.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2008.

ORRÚ, M. **Princípios inclusivos na Educação Musical: fundamentos para a prática pedagógica**. São Paulo: Editora Penso, 2016.

RODRIGUES, L.; SILVA, P. **Tecnologias assistivas e educação musical para pessoas com TEA: um estudo exploratório**. *Revista de Educação Especial*, v. 32, n. 59, p. 45-60, 2019.

SHARDA, M. et al. **Music improves social communication and auditory-motor connectivity in children with autism**. *Translational Psychiatry*, v. 8, n. 1, 231, 2018. DOI: 10.1038/s41398-018-0322-5.

SOTÉLO, M. **Metodologias flexíveis para intervenções musicais no autismo**. São Paulo: Editora Acadêmica, 2019.

VARGAS, F. **A influência da música na regulação emocional de crianças com transtorno do espectro autista**. *Revista de Psicologia e Educação*, v. 7, n. 3, p. 95-107, 2015.